

O DISCURSO FABULAR – breve análise dos processos parafrástico e polissêmico na reescritura de fábulas por alunos da 5ª série do Ensino Fundamental de uma escola pública de Pelotas / RS

Jaudete J. M. Bonow *¹

RESUMO. A maioria dos autores e estudiosos da Análise de Discurso procura levar o sujeito falante a refletir sobre o que se produz e o que se vê nas diversas manifestações discursivas. Entretanto, são poucos os trabalhos que focalizam a naturalização do discurso fabular, sua legitimação e sua trajetória repetida através de gerações e gerações. Este artigo pretende verificar se os alunos continuam repetindo o mesmo discurso didático e moralista das fábulas, ou se conseguem romper brechas da ideologia que perpassa toda e qualquer manifestação de linguagem. Para isso, analisaremos reescrituras de uma fábula, por alunos do Ensino Fundamental, buscando identificar em recortes discursivos o discurso parafrástico ou o polissêmico, através do rompimento do que pode e deve ser dito. Os resultados de nossa pesquisa apontam que já existe uma subversão dessas regularidades, que perpassam o discurso parafrástico, em reescrituras polissêmicas dos alunos, embora ainda persistam dizeres cristalizados que fazem um sujeito discursivo assujeitado.

Palavras-chave: paráfrase, polissemia, discurso fabular

ABSTRACT. Most of the authors and scholars of Discourse Analysis of French line tries to take the speaker subject to contemplate on what is produced and what we see in the several discursive manifestations. However, there are few works focusing the naturalization of the fable discourse, its legitimation and its repeated path through generations and generations. This article intends to verify if students continue repeating the same didactic and moralist fable discourse, or they are gotten to break breaches of the ideology that crosses any language manifestation. For that, we will analyze writing of a fable, produced by students of the Fundamental Teaching, looking for identifying in discursive cuttings the paraphrase discourse, or polisemy discourse, through the breaking of what can and what should be said. The results of our research point that already a subversion of those regularities exists, that crosses the paraphrase discourse, in the students' polisemy texts, although crystallized sayings still persist that make a submissive discursive subject.

Key words: paraphrase, polisemy, fable discourse

INTRODUÇÃO

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em Linguística Aplicada, Universidade Católica de Pelotas. E-mail : jmeirel@terra.com.br

A questão da produção textual é velha conhecida de professores de Língua Materna (LM) e estudiosos da linguagem. No âmbito da Análise do Discurso (AD), é de grande relevância tentar conhecer as condições sócio-históricas, ou seja, a exterioridade da produção discursiva que implica infinitas variações de sentido, bem como a cristalização histórica dos efeitos de sentido e sua repetição ao longo dos tempos.

Conforme Orlandi (1996), no ensino de LM, vários elementos estão imbricados, como as evidências de que a escola não forma escritores, a escola não ultrapassa a formação da média e o essencial não é aprendido nela, mas na vida do sujeito que, por sua vez, se inscreve no texto através de suas diferentes enunciações discursivas que, também, são materializações de formações ideológicas.

Este artigo pretende apresentar reflexões acerca de uma análise de textos produzidos por alunos de 5^{as} séries do Ensino Fundamental, para verificar se, a partir do gênero fabular, os alunos apresentam um discurso “do mesmo”, repetindo pela paráfrase formações ideológicas históricas, ou “do diferente”, rompendo o discurso fabular por meio da polissemia, burlando os “furos” deixados pela ideologia, conforme Pêcheux, citado por Ernst (1994).

Tal estratégia visa à tentativa de encontrar um dizer diferente em um discurso que parece naturalizado, através de várias instâncias de vigilância legitimadoras, encontradas na sociedade e no microcosmo escolar. Orlandi (2005) afirma que existem muitas maneiras de produzir sentido e deve-se procurar compreender a língua, como um trabalho simbólico, social, geral, constitutivo do homem e de sua história. Nessa esfera, situa-se a AD, que não estuda a língua apenas como um sistema de signos, cânones ou regras formais a serem memorizadas e repetidas, mas concebendo a linguagem “como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. (p. 15)

A autora situa a produção do discurso paralela às transformações sociais e políticas que fazem parte da trajetória humana. O discurso é a palavra em movimento, prática de linguagem que materializa a ideologia vigente, produzindo efeitos de sentido de acordo com o lugar ocupado pelos sujeitos. Assim: “o sentido de uma palavra, de uma expressão (...) não existe ‘em si mesmo’, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico, no qual palavras e expressões são produzidas” (Pêcheux, 1997. p. 90, citado por Ernst-Pereira, 1994)

Desse modo, partindo de fundamentos básicos da AD, entendemos que o ensino de LM deve basear-se em gêneros textuais, aos quais o aluno está exposto no cotidiano, pois a linguagem, conforme Orlandi (2005) é a mediação entre o homem e a realidade, ou seja, o discurso possibilita tanto a permanência, a repetibilidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e

de seu entorno, através da natureza simbólica do discurso em que se assenta a produção da existência humana.

A idéia de que a palavra é sempre perpassada pela palavra de outro, ou vários outros que nos constituem, também é bastante conhecida nos estudos lingüísticos (Ducrot, s.d.) uma vez que nosso discurso é sempre o resultado de tantos outros, dos quais, muitas vezes nem temos consciência. Esse é o pressuposto que embasa nossa reflexão. Assim, delimitamos o problema a ser examinado na análise de um corpus, constituído por 20 textos, produzidos por nossos alunos, a partir dos quais fizemos alguns recortes. Este estudo será realizado sob a luz da teoria de Pêcheux, abordado por Orlandi, Ernst, Grantham e outros autores ligados à AD.

Para Pêcheux, citado por Orlandi (2005, p. 17), não existe discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Logo, o discurso dos alunos em sala de aula, materializado no texto, é o lugar em que pretendemos observar essa relação entre língua e ideologia. Nessa direção, observaremos a tensão instaurada entre os processos parafrástico e polissêmico, tentando verificar se os alunos conseguem materializar, em suas produções discursivas, esse embate entre o repetível e o rompimento com dizeres cristalizados ao longo dos séculos.

Para Orlandi (2005), Ernst (1994) e Grantham (1996), a paráfrase, o dizer repetível representa um eterno retorno ao mesmo sedimentado, cristalizado, alinhando-se com a estabilização da ideologia. Por outro lado, o deslocamento, a ruptura desse repetível se dá no processo polissêmico, que é o lugar onde o sujeito, mesmo falando com palavras já ditas, consegue movimentar os sentidos, ressignificar a realidade e se significar.

Com a finalidade de elaborar o *corpus* de análise, reunimos algumas formulações realizadas pelos alunos, da fábula *A cigarra e a formiga* originalmente de Esopo, que remonta a vinte e seis séculos e revisitada por Monteiro Lobato na primeira metade do século XX.

Corroborando com Ernst (1994) e Grantham (1996), nossa análise não visa à exaustividade, mas à representatividade da interpelação ideológica, via discurso repetível, do sujeito aluno, ou o rompimento dessa tensão e a reescritura do diferente. Para tal, abordaremos conceitos da AD, além das características do discurso fabular e da visão de Orlandi sobre as regularidades do discurso parafrástico e da polissemia.

O objetivo geral deste estudo é analisar os processos parafrástico e polissêmico nas reescrituras de fábulas por crianças de 5ª série do Ensino Fundamental, de uma escola pública da cidade de Pelotas.

Os objetivos específicos são : - identificar regularidades que caracterizam a fábula como um discurso mantenedor de saberes institucionalizados; - verificar se os alunos

conseguem subverter, romper com esses saberes veiculados nas fábulas; e identificar qual é o processo predominante nas formulações analisadas, se o parafrástico ou o polissêmico?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo foi basicamente fundamentado nos autores já citados, os quais se situam no âmbito da AD, com algumas referências à Linguística Textual, uma vez que o estudo da linguagem é, por imanência, um trabalho interdisciplinar.

Discurso, formação ideológica e formação discursiva

Na perspectiva de Orlandi (2005), o discurso é a palavra em movimento, é a materialização da ideologia através da prática da linguagem, do discurso. Para Pêcheux, (citado por Orlandi, 2005), não existe discurso sem sujeito e não existe sujeito sem ideologia.

Entendemos, assim, que essa construção de efeitos de sentidos nunca é neutra, dada à ideologia que interpela todo sujeito em todo contexto social, e o dito significa em relação ao não-dito, ao implícito. Pêcheux, citado por Ernst (1994), afirma que o efeito que se pretende atingir tem significação relacionada ao lugar social de onde se diz e a quem se diz, estando estreitamente ligado aos discursos que são veiculados, ou já o foram numa dada sociedade. O sujeito é interpelado pela subjetividade, mas não é “dono” de seu discurso, o que mostra seu “assujeitamento”, uma vez que a ideologia também o interpela, embora esta tenha “brechas” que podem ser apropriadas pelo sujeito, para rebelar-se contra o discurso oficial vigente.

A exterioridade ao discurso atravessa o sujeito, que materializa a ideologia subjacente tanto por textos orais como escritos, ou tenta ousar outras materializações, visando à transformação do *status quo*. Na perspectiva das construções parafrásticas, há um conformismo aceito pelo senso comum como um saber natural ou patrimônio do conhecimento humano, que contribui para a manutenção do sistema, evitando um confronto com esse poder estabelecido e, simultaneamente, contribuindo para o assujeitamento do sujeito (Ernst, 1994).

Segundo o materialismo histórico, os efeitos de sentido são determinados pela ideologia dos sujeitos, durante o processo sócio-histórico em que se dá a produção discursiva. Esse sentido, obviamente, muda de acordo com as posições ideológicas do falante, ou seja, é extraído dessas posições ocupadas pelo sujeito.

Desse modo, aquilo que pode e deve ser dito de acordo com uma determinada posição ideológica constitui-se numa formação discursiva (FD), pois o sentido do discurso do sujeito está de acordo com a FD em que ele se insere, portanto, as palavras têm um sentido

derivado das FDs onde estão inscritas. Daí, determinado enunciado tem o sentido que apresentar no acontecimento enunciativo e não, outro diferente da FD em que se insere (Foucault, 1971, citado por Grantham, 1996). Dessa maneira, linguagem e ideologia se articulam, determinando o discurso do sujeito. Conforme Orlandi (2005), “O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma FD e não outra para ter um sentido”.

Ernst (1994) afirma que a formação discursiva é a materialização da formação ideológica (FI), ou seja, os diferentes saberes e dizeres que se materializam por meio da linguagem. Conforme Grantham (1996, p.19), citando Pêcheux:

(...) toda seqüência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta seqüência como pertencente a esta ou àquela FD, o que caracteriza o processo discursivo. (...) No entanto, o sujeito falante tem a ilusão não só de estar na fonte de sentido, mas também de ser dono de sua enunciação, capaz de dominar as estratégias para dizer o que quer.

Desse modo, o indivíduo é livremente assujeitado para livremente submeter-se às ordens de um sujeito absoluto e universal (Althusser, citado por Grantham, 1996).

Interdiscurso e intertextualidade

Grantham (1996) afirma que a noção de intertextualidade mostra a enunciação como evento histórico e o assujeitamento do sujeito. Entendemos, neste artigo, como a relação de diálogo que um discurso trava com outros discursos, ou seja, todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos, que nos interpelam no momento da enunciação. A interdiscursividade é própria de todo discurso e é consequência do princípio do dialogismo que caracteriza a linguagem humana. É um conjunto ilimitado de saberes que nos constituem enquanto sujeitos, mas nós não somos donos desses saberes.

De fato, segundo Pêcheux (citado por Grantham, 1996) somos assujeitados, determinados pelas condições materiais de produção do discurso, embora possamos romper a ideologia em alguns “furos”. No caso da reescritura de fábulas, torna-se evidente a presença de interdiscursos que se perpetuam, ao longo dos séculos, através da repetição de uma FD, com vistas a manter a ordem estabelecida por meio de um discurso didático.

Parta Ernst (1994), a noção de intertextualidade ocorre quando em um texto está inserido um outro, produzido por outro autor, e esse fenômeno faz parte da memória social ou coletiva e da memória discursiva dos sujeitos. Pragmaticamente, a intertextualidade pode ser categorizada em explícita e implícita. A primeira ocorre quando se faz menção ao texto inserido, por meio de citações, resenhas, referências, resumos. A segunda ocorre, quando se coloca o intertexto alheio no texto, com objetivo de argumentação teórica, crítica ou de ridicularização.

Assim, também afirma Ernst (1994), em sua abordagem do discurso humorístico, que, através da paródia do discurso proverbial, revelam-se os defeitos escondidos, mostrando o objeto de riso em sua exterioridade e inconsistência. A paródia insere em seu discurso risível o intertexto proverbial, a fim de mostrar a censura ao desejo do homem, ou seja, nas palavras da autora, “o discurso proverbial reprime o desejo do sujeito, enquanto a paródia a essa mesma FD é uma alteração e manifestação do desejo reprimido” (Ernst, 1994, p.58)

Paráfrase e polissemia

Os conceitos de paráfrase têm sido alvo de muitos estudos e podem ser abordados sob a perspectiva de diferentes teorias. Para este artigo, iremos abordar tal fenômeno lingüístico sob o ponto de vista discursivo, à luz da teoria de Orlandi (2005).

Segundo a autora, é complexo estudar a linguagem entre limites do mesmo e do diferente. Existe assim uma tensão, no funcionamento discursivo, entre o processo parafrástico e polissêmico. O processo parafrástico é aquele pelo qual em todo dizer existe sempre algo que se mantém, o dizível, a memória. A paráfrase representa o retorno ao mesmo espaço do dizer, produzindo diversas formulações do mesmo saber sedimentado, estabilizado e repassado de geração a geração ao longo do tempo.

Por outro lado, a polissemia apresenta um deslocamento, uma ruptura de processos de significação, que burlam as “brechas” ideológicas, subvertendo o repetível. Nessas forças que trabalham o dizer, dessa tensão, entre o mesmo e o diferente, é que o discurso se constrói. E ao mexer na filiação ideológica dos sentidos, tanto o sujeito, como os sentidos se modificam e se ressignificam.

Afirma Orlandi (2005): “Dessa maneira, o social aparece em relação à linguagem, na sua força contraditória: porque o social é constitutivo da linguagem, esta se sedimenta (ilusão do sujeito para Pêcheux, 1987, p. 28), e porque é fato social, ela muda (polissemia).” Para Orlandi, existe a seguinte tipologia de discursos : autoritário, polêmico e lúdico.

O discurso autoritário é o da paráfrase, o que busca conter a polissemia, procurando impor um único sentido, agindo coercitivamente. O polêmico é aquele em que a reversibilidade ocorre sob algumas condições, resultando entre um equilíbrio tenso entre a paráfrase e a polissemia, a polissemia é controlada, mas há uma possibilidade de enunciar mais de um sentido. O discurso lúdico é aquele em que a reversibilidade é total, tendendo para a total polissemia, como o discurso parodístico já mencionado antes.

Acreditamos que a fábula é um discurso autoritário, coercitivo e institucionalizado, mas pode haver uma reversibilidade para o humor, ou outras ressignificações. Isso é o que pretendemos verificar nas formulações de nossos alunos.

O discurso fabular

As fábulas são um gênero em que predomina a narrativa, cujos personagens são objetos ou animais que apresentam ações de seres humanos, simbolizando traços do comportamento humano como a paciência, a sabedoria, a displicência, a vaidade, a cobiça, a perseverança.

Normalmente, uma fábula é uma pequena história que ilustra algum provérbio, chamado pelo senso comum de “moral”. São dirigidas, a princípio para crianças, mas, de fato destinam-se a adultos e crianças, com o objetivo de doutrinação, ou seja, enquadrar o sujeito nos limites preestabelecidos pela ordem vigente.

Assim, além do discurso fabular conter críticas sociais, tem objetivo didático, ou seja, ensinar as pessoas a como proceder, isto é, estabelecer normas que regulem as relações sociais. O indivíduo, desde o nascimento, é ensinado a proceder de acordo com padrões pré-construídos a ele. Afirmam Grantham: “nossos papéis reproduzem... as relações de dominação necessárias para a reprodução das condições materiais de vida e a manutenção da sociedade em classes... de dominados e poucos dominadores” (1997, p. 80).

Conforme vimos, Pêcheux, citado por Grantham (1997), afirma que, através do assujeitamento, a linguagem tem papel fundamental, contribuindo para a reprodução das relações sociais, sem que o sujeito perceba que ocupa seu lugar numa das classes antagonistas do modo de produção. Nessa perspectiva, a palavra é poderosa arma que impõe representações, transmitindo a ideologia dominante. E, desse modo, o discurso fabular consiste num discurso a serviço do poder.

Retomando Grantham: (...) consideramos o discurso fabular como um discurso social cuja função (...) é a de garantir as relações de dominação moldar os seus destinatários, ensinando-lhes valores como a paciência, a bondade, a resignação (...), para que seja melhor assujeitados (1997, p. 82).

Portanto, a fábula se configura como um discurso social, armazenada na memória discursiva, que age sob a lógica da hegemonia, do consenso, do senso comum, da opinião pública. A fábula, assim como o discurso proverbial, é um discurso social que, na sua repetição, organiza o que pode e o que não pode ser dito nos diferentes momentos históricos em que foi produzido, em diversas épocas e por autores diversos, mas mantendo sempre os valores que servem ao assujeitamento do indivíduo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho pode ser categorizado como um tipo de pesquisa-ação², pois a professora foi um dos sujeitos participantes no processo de formulação discursiva dos alunos na prática de sala de aula. É uma pesquisa qualitativa, com observação participante e interpretativista porque estuda recortes de um grupo de 20 textos, formulados por alunos de três turmas de 5^{as} séries de uma escola de ensino fundamental do município de Pelotas.

Procedimentos de coleta dos dados

Na primeira etapa, foi priorizada a leitura dos textos formulados pelos alunos, após terem realizado uma reescritura da fábula *A cigarra e a formiga*, já retextualizada por Monteiro Lobato. A seguir, buscando constituir nosso *corpus* discursivo, fizemos a coleta de seqüências discursivas, selecionadas de acordo com os objetivos propostos, a partir de uma amostra de 20 textos formulados. Essas seqüências organizaram os recortes, que formaram o *corpus* discursivo deste trabalho: recorte 1 - o mesmo e o repetível; recorte 2 - o diferente e a polissemia.

Procedimentos de análise

A análise dos textos reescritos pelos alunos foi realizada a partir de recortes já mencionados. Assim, escolhemos algumas formulações, retiradas das produções textuais dos alunos, para serem observadas, quanto aos aspectos citados anteriormente :

Após, examinamos cada texto, transcrevendo as seqüências discursivas que se encaixaram em cada um dos blocos acima, buscando as marcas lingüísticas que evidenciam a manutenção do repetível ou a ruptura, pelo processo polissêmico, desse jogo constante entre o pré-construído e o não-dito, mas possível de se dizer. Conforme Pêcheux (1988), a ideologia

² A pesquisa ação é baseada em desenvolvimento, seu principal objetivo é melhorar as aulas; é uma pesquisa baseada em reflexão e não, em conhecimento recebido. Identificamos o problema e buscamos , através da ação , identificar o tipo de processo discursivo mais usado pelos alunos.

tem “furos”, dos quais pode o sujeito apropriar-se, a fim de rebelar-se contra as formações ideológicas dominantes.

Recorte 1: o mesmo e o repetível

A1:³ A cigarra foi e brincaram, brincaram muito. E chegou o inverno, a formiga foi para a sua toca e a cigarra morreu congelada.
A2. Você não era aquela cigarra que ficou observando a gente A2: - O que você quer? A cigarra respondeu: - a senhora não teria um xale para em emprestar ? A formiga se lembrou e disse: trabalhando ? – Sim. – E por que você não foi fazer uma reserva enquanto via a gente trabalhar? - Não sei. – Então, se rale, ninguém mandou não fazer alguma reserva para se manter! Passaram uns dias e a cigarra acabou morrendo de frio e fome.

Esses dois fragmentos discursivos foram os únicos encontrados num corpus de 20 formulações, onde verificamos pelas marcas lingüísticas, a escritura do repetível, inserindo-se na formação discursiva (FD) da paráfrase. Por exemplo... *a cigarra morreu congelada ; ... se rale, ninguém mandou não fazer reserva para se manter.*

Recorte 2: o diferente e a polissemia

Nos fragmentos abaixo, há polissemia, porém prevalece o que Grantham (1996) acentua como “a moral proverbial”:

A3:...se você não trabalhar um pouco vai chegar o inverno, você não vai ter comida. Eu sou esperta, eu trabalho para quando chegar o inverno eu vou ter um lugar pra ficar bem quentinha...
Aí quando o inverno chegou ela se arrepiou (a cigarra), ficou gripada, mas a formiga não ajudou . Mas no fim, a formiga ajudou e depois ela (a cigarra) aprendeu a lição !
A4: A cigarra nem consegue cantar mais de tanto frio e fome. Mas a formiga não deu. E o inverno foi embora e a cigarra estava lá junto com as formigas pegando alimentos para o inverno. Isso significa

³ Serão denominados os alunos pela letra A , seguida do número 1, 2 e sucessivamente.

que a cigarra compreendeu que não é só ficar cantando, que ela vai terminar numa vida legal e um inverno legal. E assim a cigarra passou a ser amiga da formiga.

A5: - Dona cigarra, eu estava trabalhando, carregando comida para o formigueiro e você queria brincar, agora você está com fome.

E a dona cigarra aprendeu uma boa lição: brincar é só no inverno.

A6: ... e o inverno foi chegando, chegando e a formiga foi atender e viu que era uma cigarra e convidou para entrar. Deu um chá bem quente, e comida, e pôs para cima um cobertor. Com isso, a formiga explicou que, para não passar frio durante o inverno, precisamos trabalhar para não passar frio e fome.

A7: ... quando chegou o inverno, faltou comida para a cigarra que não conseguiu alimento delas porque as formigas expulsaram ela. A cigarra aprendeu a lição, que só se divertindo ela não chega a lugar nenhum...

Através dos verbos *compreendeu*, (A4) *aprendeu*, (A3) *terminar (uma vida legal)* (A4), e o provérbio *só se divertindo não se chega a lugar nenhum*, (A7) os alunos inserem suas formulações num certo paradoxo, pois, ao mesmo tempo que rompem o discurso repetível, no final temos a lição, a moral, o exemplo que a formiga deixa para a cigarra. Enfim, é preciso trabalhar no verão para não passar fome e frio no inverno.

Alguns alunos subvertem totalmente a fábula, criando novos personagens, apresentando a amizade entre a formiga e a cigarra no inverno, mas no final dos textos predomina o repetível através da moral da história :

A8: Dona formiga: - Você não vai trabalhar para carregar seu estoque?

- Não, eu sei me virar, falou a cigarra. (...) Então, ela bateu na porta da formiga Joana e perguntou:

- Tem um lugarzinho para eu passar o inverno?

Então, ela respondeu:- Sim, pode entrar. A cigarra passou todo o inverno ali e disse quando chegou o verão:

- Eu aprendi a lição e vou arranjar uma casinha, não vou ficar mais só cantando.

E assim, a cigarra cantora aprendeu que a vida não é só cantar, é também aprender a viver!

Este fragmento final encerra uma lição de moral que evidencia, claramente, o fundamento de nosso trabalho. A paráfrase, de certa forma está cristalizada, é um saber que passa através de gerações, chegando a uma criança de dez anos apenas, mas já apresentando em seu discurso a materialidade da ideologia que garante o poder de dominação de uns poucos sobre vários outros. Nos fragmentos discursivos abaixo, encontramos uma polissemia aberta que rompe, de fato, a tensão entre o mesmo e o diferente :

A9: A cigarra bateu na porta da formiga e disse: - Você tem comida para me dar? E a formiga disse: - Sim, entra, vou pegar. Aí o tempo passou, o verão chegou e a cigarra começou a trabalhar com a formiga e ficaram amigas para sempre.

A10: (...) E as duas estavam bem abrigadas uma ajudando a outra. E no inverno, as duas passaram se divertindo, vendo televisão, longe daquele frio tão forte e tão grande e estavam bem de comida.

Passou o inverno e aí a formiga ouviu a cigarra cantar e as duas brincaram felizes por um bom tempo.

Observamos, nesta seqüência discursiva que ainda prevalece a FD do *trabalhar no verão, para poder se divertir, vendo televisão longe daquele frio tão forte... e estavam bem de comida..* A polissemia rompe, na medida em que a formiga ajuda a outra, mas esta por sua vez, tem que aprender a lição, o comportamento obediente que não perturbe a ordem social estabelecida :

A11: (...) e uns guris estavam desmanchando o formigueiro, andando de bicicleta. E as formigas gritaram para a cigarra em cima duma árvore: - Vem ajudar. E ela foi voando. E veio um temporal, as formigas correram para o formigueiro, a cigarra não tinha para onde ir, e uma formiga chamou e ela entrou no formigueiro.

No texto acima, A 11 rompe com o repetível e coloca as duas personagens no mesmo nível, *vem ajudar, e ela foi voando, e uma formiga chamou e ela entrou no formigueiro...*

A12: (... e depois de um bom tempo, a formiga melhorou e a cigarra trabalhou muito e ajudou a formiga a cuidar da casa... e a formiga achou que também podia achar um tempinho para brincar.

E a cigarra aprendeu que deveria trabalhar mais e a formiga divertir-se mais.

Observando os enunciados *a formiga melhorou, a cigarra ajudou a formiga a cuidar da casa...* vemos que, embora subvertendo o repetível, inserindo o valor da solidariedade, o aluno ainda repete a lição, a moral da história.

A13 Como poderemos ajudar se nossas casinhas são todas pequenas?

- Já sei, disse uma formiga. Ela pode nos alegrar cantando enquanto nós trabalhamos. Todas as formigas adoraram a idéia e queriam que a cigarra dormisse em suas casas.

A cigarra nem acreditava que iria ter uma casa no inverno e falou:

- Sou feliz, tenho amigas para toda a vida.

A14: Aí veio um temporal e as formigas correram.. e uma não conseguiu escapar.

E aí apareceu a cigarra e salvou ela e aí as duas foram para o formigueiro. E as formigas perguntaram se ela queria ficar, mas a cigarra disse que não e saiu voando.

E aí eles viveram felizes para sempre.

No recorte anterior, como no seguinte, observamos no último enunciado a regularidade dos contos e narrativas infantis, ou seja, o final de acordo com a ordem estabelecida é garantia de *ser feliz para sempre*.

A15: O bando de formigas disse: - Vamos começar a procurar a saída.

- Vamos, disse a formiga. Então, passaram dias, noites e tardes procuraram até que acharam... viveram todo mundo na mesma casa e viveram como amigas.

A16: Passaram dias, o inverno e a dona cigarra congelou de frio. A jovem formiga estava na casinha dela.

A dona cigarra bateu na porta e a jovem formiga acolheu e elas viveram felizes para sempre.

A17: Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais passaram o dia todo nas tocas.

A pobre gatinha, mancando, sem abrigo, toda molhada se dirigiu ao limoeiro e bateu _ tique, tique, tique... apareceu a dona minhoca toda enrolada num xalinho de paina. - Que você quer?

- Você pode arrumar um lugar para mim?

E foram as duas bem felizes, cavar na areia e a gatinha ficou com um belo buraquinho, quentinho e macio, embaixo da árvore para morar.

A18: ... houve uma mulher formiga um homem cigarra. E eles passaram todo o dia até de noite buscando comida para a casinha. Depois, voltaram para a casa e estavam todos os amigos da formiga e do homem cigarra: macacos, elefantes, zebras, ursos, porque era o dia dos amigos e viveram felizes para sempre.

A19: Tudo começou quando uma cigarra voava durante um dia e uma noite no escuro e na claridade. (...) e uma formiga muito cansada, muito triste porque não conseguia realizar seu sonho de ser compositora de músicas. Para ela, era um sonho ser tocada nas rádios e na TV.

Aí, então a formiga ia passando e ouviu uma linda voz, bem afinada. Era a cigarra num galho, cantando e cantando e cantando... A formiga se escondeu e atrás de um galho falou: - Encontrei a pessoa certa pra ser o fenômeno de um palco.

(...) e a formiga falou com a cigarra, entraram num grande acordo e foram até a grande gravadora. E a formiga, finalmente conseguiu realizar seu sonho e a cigarra realmente virou um grande fenômeno.

Este fragmento discursivo parece evidenciar a ruptura total da tensão entre paráfrase e polissemia, uma vez que o aluno consegue expressar livremente sua criatividade, formulando um texto completamente diferente, além de demonstrar a solidariedade possível entre os seres, como nas marcas *entraram num grande acordo... Conseguiu realizar seu sonho...* Este foi o único recorte de nosso *corpus* que apresenta uma ruptura mais aparente, utilizando a intertextualidade, mas mostrando a liberdade criativa que permeia o imaginário dessa faixa etária.

A20: A dona formigona resolveu se casar com o senhor cigarra. E foi passando o tempo. Que festança! O senhor cigarra convidou todo mundo: o formigueiro inteiro, e todos os senhores cigarra. E o senhor cigarra contou para a dona formiga que não estava doente. Ele inventou, junto com as outras formigas para ela se casar com ele. Porque era seu último desejo antes de morrer.

Mas a formiga disse: - eu já sabia disso e disse que aceitava ele ter mentido e ela aceitava se casar com ele. E foram felizes para sempre.

A21: a cigarra Mafalda se tornou muito amiga da jovem formiga Janine e elas andavam sempre juntas... um dia a Mafalda apareceu morta e a jovem formiga quase morreu de tanto chorar..

(...) mas aí, ela arrumou outra amiga chamada Erica, mas não era a mesma coisa, porque a Mafalda era gente fina...a Erica não era a mesma coisa...

Mas o tempo foi passando e elas ficaram mesmo amigas. Bom, então ficaram felizes da vida.

Analisando os recortes de A16 a A20, encontramos a polissemia, conforme Orlandi (2005), “a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”. Embora, a matriz desses discursos seja a paráfrase, verificamos que a linguagem torna-se fonte dos múltiplos discursos que produzem diferentes efeitos de sentido. A criatividade dos alunos, através do deslocamento das regras, produz movimentos que afetam as relações entre o sujeito e o sentido na relação com o histórico e o lingüístico, fazendo emergir sentidos diferentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos os resultados provisórios da análise, através de uma abordagem interpretativista de acordo com os objetivos específicos deste artigo. As regularidades da fábula são observadas nos discursos do *corpus*, pois os personagens são animais, os textos seguem uma seqüência linear, ou seja, início, meio e fim, característicos da ficção infantil. O início apresenta as marcas lingüísticas : *era uma vez... uma cigarra que vivia cantando... as formigas viviam trabalhando... e foram felizes parta sempre*, por exemplo.

Os saberes e dizeres institucionalizados foram, perfeitamente, reconhecidos pelas marcas lingüísticas ... *a formiga trabalhava para encher sua casinha de comida ... e vieram os maus tempos... todos os animais estavam abrigados em suas casas... a cigarra só cantava, a formiga disse, viu? é preciso trabalhar no verão.. a cigarra morreu congelada.. a cigarra finalmente aprendeu a lição... devemos trabalhar no verão para ter abrigo no inverno...*

Retomando Orlandi (2005), o discurso parafrástico é a matriz e sempre, em todo dizer, existe algo que se mantém : a memória discursiva. Mesmo os alunos que romperam esse repetível, apontaram no fim uma moral. Ou seja, a materialização da ideologia está presente nesta fábula a fim de coagir o indivíduo a trabalhar arduamente, sem lazer, sem “canto”, perseverando para que, no inverno da velhice, tenha como sustentar-se.

Há, por trás desse dizer, toda uma FD que condena e marginaliza o sujeito que brinca, canta, pinta, desenha: em suma, não há lugar para aquele que não ganha seu “alimento” para o inverno. No dizer de Grantham (1996) e Ernst (1994), a formiga é a representação do sujeito obediente, perseverante, precavido, trabalhador, subserviente, materialização do trabalho disciplinado.

Por seu turno, a cigarra encarna o sujeito irresponsável, relapso, malandro, artista, que “só canta”, configurando-se num ser ameaçador à ideologia vigente, porque pode subverter os outros disciplinados, trabalhadores, dispersando-os da aceitabilidade da ordem natural das coisas.

A maioria dos alunos conseguiu romper com esse dizer repetível da paráfrase, mas, mesmo que várias formulações evidenciem essa ruptura através da polissemia, ainda reconhecemos os papéis impostos ao sujeito pelas normas que regem a sociedade. Assim, o processo predominante nas formulações discursivas dos alunos foi a ruptura do mesmo, mas ainda se constata nos textos, essa função de controle dos discursos, na medida em que o sujeito aluno continua repetindo. Ou seja, segundo Grantham (1997, p. 81) “o discurso social que age na massa para conformar os espíritos e desviar os olhos de certas coisas...”, apresentando “maneiras de conhecer e significar o conhecido”. Identificamos isso nos finais dos textos, através das marcas emblemáticas, como *foram felizes para sempre... a cigarra aprendeu a lição... trabalhar no verão para garantir o inverno.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso fabular é um discurso social, que tem a função de garantir a manutenção das relações sociais de dominação, ao mesmo tempo em que ensina aos dominados um conformismo, quando lhes apresenta valores como a disciplina, a necessidade de trabalhar, de produzir na juventude para garantir a velhice, a paciência, a perseverança e a resignação diante de dizeres e saberes discursivos legitimados, através de gerações, pela sua naturalização.

Essa legitimação ocorre exatamente pela repetição do mesmo, pela ação coercitiva da criatividade do aluno, na escola, e dos outros sujeitos assujeitados, em outros papéis da sociedade em geral. Este artigo demonstrou que existe uma ruptura nesse jogo tenso entre paráfrase e polissemia, porém ainda se mantém a FD que veicula a ideologia dominante, ao longo dos séculos, evidenciada nos enunciados dos alunos.

Finalmente, acreditamos, conforme Grantham, Ernst e outros autores, citados ao longo deste estudo, que “é possível saber que todo discurso tem um destinatário socialmente identificável, e que a função do discurso é justamente confortar a mentalidade e os saberes desse destinatário” (Grantham, 1997, p. 82) Este artigo não pretendeu e nem poderia esgotar o fenômeno em questão, mas aponta para novos trabalhos a serem feitos, para que professores e alunos consigam avaliar a aceitabilidade dessas FDs e tentar, através das “brechas” (Pêcheux, citado por Ernst, 1994) da ideologia, realizar “pequenas revoluções diárias” (Foucault, 1971).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ERNST, Aracy. *Na inconsistência do humor, o contraditório da vida*. Discurso proverbial e o discurso das alterações. Porto Alegre: PUC/RS, 1994 (Tese de Doutorado).
- GAGO, Paulo Cortes e LIMA VIEIRA, Lucilene S. O processo de retextualização a partir do gênero textual fábula: uma pesquisa participativa com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Tubarão, SC. *Linguagem em Discurso*. v.6, n.1, jan/abr, 2006.
- GRANTHAM , Marilei Resmini. *O discurso fabular e sua repetição através dos tempos: na reiteração do mesmo, a presença do diferente*. Porto Alegre: UFRGS, 1996 (Dissertação de Mestrado).
- GRANTHAM, Marilei Resmini. *O discurso fabular*. Rio Grande: Arttexto, n. 8, 1997.
- LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes, 1988.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. 3. ed., São Paulo: Cortez, 1996.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed., Campinas: Pontes, 2005.